



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: uma experiência de transformação social na Escola Estadual Tavares Bastos

Edilene Conceição de Melo Marques¹

Marilene Siqueira de Miranda²

Ângela Maria Mendes da Silva³

Enilda Moura de Lima⁴

Edileine Vieira Machado da Silva⁵

RESUMO

O presente artigo apresenta o relato de experiência vivenciada ao longo de seis meses com uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, na Escola Estadual Tavares Bastos na cidade de Maceió/AL. A proposta surgiu a partir da necessidade de promover o letramento digital como ferramenta de ação social, de cidadania e desenvolvimento da autonomia dos estudantes participantes, considerando suas trajetórias de vida marcadas por exclusões e/ou desafios. A pesquisa de natureza qualitativa, adotou a metodologia da pesquisa participante, tendo como base teórica e metodológica os estudos de Freire (1967) e (2003), sobre a educação libertadora e EJA e, os conceitos de letramento e multiletramentos discutidos por autores como Ferreira e Fonfoca (2021) e ainda Coscarelli (2016) sobre tecnologias e educação. Foram aplicadas oficinas práticas em parceria com o Centro Universitário Cesmac e a Coordenação da Educação à Distância (EaD), disponibilizando um de seus laboratórios de informática. Durante as oficinas, os alunos aprenderam desde o manuseio básico dos computadores, até a criação de seus currículos, acesso às plataformas digitais de cursos gratuitos, com certificação reconhecida e pesquisas sobre a educação superior e tecnológica. A vivência nos proporcionou aprendizado sobre a abordagem dialógica, acolhedora e contextualizada, destacando o papel da escuta ativa e da valorização das experiências prévias dos sujeitos. Os resultados indicaram ganhos importantes na autoestima, no sentimento de pertencimento e ampliação do repertório sociocultural dos estudantes, além do fortalecimento da autonomia no uso consciente da tecnologia. A proposta evidenciou também o potencial transformador do letramento digital, não apenas como habilidade técnica, mas como instrumento de emancipação. A experiência vivenciada aponta para uma urgente necessidade de novas políticas públicas voltadas para a EJA, que garantam infraestrutura de qualidade, formação docente e ações pedagógicas voltadas à realidade e potencialidades dos alunos.

Palavras-chave: EJA, Letramento digital, Inclusão social, Educação libertadora, Práticas pedagógicas.

¹ Graduanda do Curso de Letras pelo Centro Universitário Cesmac - AL, professoraedilene2@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Letras pelo Centro Universitário Cesmac - AL, msiqueirademiranda@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Letras pelo Centro Universitário Cesmac - AL, angela.mendes@cesmac.edu.br

⁴ Graduada em Letras pela Faculdade Formação de Professores de Serra Talhada, limaenilda41@gmsil.com;

⁵ Pós-doutora em Educação pelo Centro Italiano Di Ricerche Fenomenologiche (C.I.R.F.), edileine.machado@cesmac.edu.br.



INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), enquanto política pública e modalidade de ensino prevista na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, representa uma possibilidade de inclusão social e superação das desigualdades educacionais ainda existentes. O letramento digital torna-se cada vez mais urgente para essa população que, por diversos motivos, foram excluídos de seus percursos educacionais regulares e ainda do acesso às tecnologias da informação e comunicação. Diante desse cenário, o presente artigo apresenta o relato de uma experiência vivenciada ao longo de seis meses na Escola Estadual Tavares Bastos, localizada no bairro do Farol, ao lado de uma praça denominada Centenário, na cidade de Maceió/AL.

A escola oferece Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA, e atende alunos de diferentes bairros e faixas etárias. Sua localização é de fácil acesso ao transporte público e em uma região central da cidade, possibilitando que pessoas de diferentes bairros possam se matricular e finalizar sua educação formal. Além disso, a escola tem sido, nos últimos anos, referência na educação com pessoas surdas, possui intérpretes que auxiliam na compreensão dos assuntos em sala de aula, tendo a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como língua mãe e a língua portuguesa sendo ensinada, para essa comunidade surda, como a segunda língua. A escola também oferece cursos de Libras aos ouvintes que desejarem aprender, disponível anualmente para toda população.

A proposta nasceu da necessidade de promover a inclusão digital e o acesso ao mercado de trabalho de forma mais digna, possibilitando mais informações a partir do uso de ferramentas tecnológicas. Iniciou-se com uma prática pedagógica centrada no acolhimento, na escuta e na construção coletiva do conhecimento onde percebemos que muitos alunos nunca tiveram contato com computadores, em razões de diferentes circunstâncias em suas trajetórias de vida. Organizou-se a partir daí, oficinas práticas com uso dos laboratórios de informática do Centro Universitário Cesmac EaD onde foram orientados desde o manuseio dos equipamentos (ligar, imprimir, etc) quanto à produção de seus currículos, produções textuais, uso de plataformas de cursos gratuitos. Também tiveram oficinas, onde conversamos sobre as diferenças existentes nos cursos de licenciaturas e bacharelados bem como as possibilidades de formação à nível superior e inserção profissional. Os objetivos principais dessa proposta foram: desenvolver o letramento digital, fortalecer a autoestima dos educandos e ampliar seus





repertórios socioculturais para colaborar com as tomadas de decisões quanto ao futuro. A metodologia utilizada foi baseada em observação dos alunos participantes, seguido dos registros descritivos e de atividades dialógicas. Mesmo com os desafios relacionados à assiduidade, atrasos por conta das jornadas de trabalho cansativas e dificuldades pessoais percebemos que os alunos apresentaram boa participação nos momentos das oficinas e relataram sentir falta e contavam os dias para os encontros subsequentes. Portanto, os resultados evidenciaram avanços significativos referente à autonomia dos estudantes, no uso consciente da internet e na perspectiva de vida. O acesso às ferramentas digitais passou a ser ressignificado pelos alunos, não como um fim, mas como um meio para alcançar melhorias em sua qualidade de vida.

Esta vivência reafirma a importância de se investir na EJA com uma abordagem contextualizada, humana e digitalmente conectada à realidade dos sujeitos, apontando para as necessidades de pesquisas futuras que aprofundem o papel das tecnologias como estratégia de enfrentamento das desigualdades educacionais.

LETRAMENTO DIGITAL E A LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA

Falar sobre o ensino da língua portuguesa na EJA é antes de qualquer coisa, reconhecer que os sujeitos que enfrentam essa modalidade de ensino carregam em si trajetórias de vida marcadas por rupturas, resistências e sonhos adiados por diferentes questões. É nesse contexto que o letramento ganha uma dimensão social e uma força maior, uma vez que não estamos apenas falando sobre a decodificação das palavras, mas sobre a compreensão de mundo por meio da linguagem, e sobretudo, do poder em transformação a partir dela.

Como já evidenciamos em momentos anteriores, os alunos são em sua maioria trabalhadores, mães, avós etc, que durante as aulas colaboram com ricas experiências cabendo a nós educadores acolhê-las e transformá-las em ponto de partida para um processo educacional significativo. E nesse cenário vemos o letramento digital como um dos caminhos mais potentes para ampliar a autonomia de seus educandos.





Em um mundo marcado por uma crescente evolução digital, em que informações chegam de diferentes meios de comunicação, como redes sociais, aplicativos, entre outros, não podemos falar sobre inclusão sem considerar o acesso e o domínio, nem que seja do básico, das tecnologias digitais. E não estamos falando no saber apertar os botões, a operação em si, mas de compreender as várias linguagens que circulam nas telas que exigem do leitor novas habilidades e múltiplas formas de leitura.

Coscarelli (2016) alerta para a transformação, mostrando que a leitura e a escrita nos tempos atuais extrapolam o papel e se materializam nas telas e em ambientes onde a linguagem escrita convive com outras formas. Tudo isso exige do professor uma nova postura metodológica abandonando a velha educação bancária tão citado por Freire em seus escritos, para assumir uma metodologia mais dialógica, favorecendo ao aluno se reconhecer como sujeito atuante de seu processo de conhecimento.

A partir dessa perspectiva, o ensino de língua portuguesa na modalidade que estamos vivenciando necessita ser para além da norma culta, e da gramática normativa, se faz necessário valorizar os textos que circulam no dia-a-dia da vida desses personagens, como por exemplo as mensagens de celular, postagens em redes sociais, vídeos, memes etc, para transformá-los em aprendizagem pois entendemos que a multimodalidade nesses casos é uma questão de necessidade para introduzi-los ao momento presente. E, não se trata de desvalorizar os textos impressos e/ou as literaturas clássicas ou não, mas incluir e ampliar o repertório dos alunos. Pois a escrita é uma prática que se renova com o tempo vivido, ganha novos sentidos e por isso que reconhecemos que a alfabetização e o letramento não podem ser etapas vivenciadas separadamente e a escola necessita entender que possui um papel importante nessa ação cotidianamente para construção desse processo de emancipação.





METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo baseada em uma experiência de ensino e aprendizagem na modalidade do EJA durante os primeiros 6 meses do presente ano na Escola Estadual Tavares Bastos. E a metodologia aplicada foi a de pesquisa participante, que conforme Brandão (1999) é necessário conhecer para então servir, onde o pesquisador participa como sujeito ativo, colaborando para além de uma questão social, mas sim para um crescimento coletivo, por isso que estivemos durante esse tempo atuando como mediadores ativos do processo, observando, registrando e intervindo pedagogicamente no cotidiano educacional dos alunos.

As ações foram construídas de forma colaborativa, com escuta atenta às necessidades, desejos e dificuldades dos estudantes. Utilizaram-se como instrumentos de coleta de dados observações diretas nas salas de referência, diários de campo, registros fotográficos e produções textuais dos alunos com suas devidas autorizações.

Utilizamos rodas de conversas com o objetivo de coletar informações acerca das necessidades e ansiedades dos alunos em relpercebemos que muitos apresentaram curiosidade em relação as profissões que desejavam seguir, enquanto outros nem sabiam como poderiam dar continuidade aos estudos em outras etapas após a conclusão do EJA. Identificado a necessiade, planejamos os momentos e buscamos fazer parcerias com nosso Centro Universitário que abraçou a proposta.

As atividades foram realizadas no período noturno, uma vez que a turma participante é de jovens e adultos, na sala de informática do Centro Universitário Cesmac, cedido para os encontros práticos onde os alunos puderam vivenciar, de forma concreta, a contrução de seus currículos, o acesso à plataformas de cursos online, pesquisar tipos de profissões e ainda explorar as ferramentas básicas como por exemplo editores de textos e navegadores, respeitando a heterogeneidade da turma, que incluía estudantes surdos, adolescentes em situação de vulnerabilidade emocional e adultos com defasagens significativas de aprendizagem, priorizando uma abordagem personalizada, acolhedora e motivadora.





REFERENCIAL TEÓRICO

A educação de Jovens e Adultos é concebida, segundo o Parecer CNE/CEB no. 11/2000, como uma modalidade que tem como objetivo assegurar o direito à aprendizagem ao longo da vida, atendendo os sujeitos que não tiveram acesso ou continuidade aos estudos na idade apropriada.

Paulo Freire, em muitos de seus escritos, sempre defendia uma educação libertadora, voltada à realidade do educando, onde o conhecimento pudesse se fazer na dialogicidade e na escuta ativa, e, é a partir desse sentido que a EJA deve ser entendida. Ser reconhecida como território de desenvolvimento social, pois se trata de uma população já excluída, possibilitando dar continuidade aos estudos e assim, colaborando com a garantia de direitos.

Muito autores discutem a importância de ser trabalhado o letramento digital como forma de inserção social e desenvolvimento de autonomia, entre eles podemos citar Ferreira e Fofonca (2021). Estes autores também discutem sobre o uso das tecnologias, que nesse contexto, não deve se limitar à instrumentalização, por esse motivo que a utilizamos no sentido de promover práticas de leitura e escrita que dialoguem com a vida cotidiana dos alunos. Assim, a proposta desenvolvida na Escola Tavares Bastos encontra respaldo teórico na pedagogia crítico-reflexiva e nas práticas de letramento, uma vez que trazemos a compreensão da importância de se pensar criticamente conforme a proposta de Dewey (2002), que traduz o ato de pensar como algo profundo e também sistematizado, unindo o que já sabemos e nos fazendo pensar sobre ele produzindo algo novo, pensando em superar ou resolver problemas, portando, o pensar sobre o fazer, a ação.

Para Ferreira e Fofonca (2021) o letramento se inicia na infância e vai se desenvolvendo durante o percurso de desenvolvimento do ser humano, durante suas vivências e produções culturais. Portanto o sentido de letramento deixa de ser apenas um momento de compreensão de leitura e escrita de texto para se tornar um processo que conecta o ser ao mundo e o mundo a ele, permitindo que deixe o âmbito educacional alcançando o âmbito social e portanto o multiletramento, possibilitando que ele se identifique e atue como construtor de sua própria realidade.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os primeiros encontros evidenciaram as limitações enfrentadas pelo alunos. Muitos nunca haviam utilizado um computador, demonstravam insegurança diante das plataformas digitais e desconheciam as formas de acesso a cursos gratuitos e informações profissionais. A presença irregular e o cansaço, devido a jornada de trabalho diário, comprometeram em alguns momentos a continuidade das atividades. Ainda assim, ao longo das semanas subsequentes, observou-se progresso da turma no geral. A familiarização com o uso do computador foi gradual e significativa. Os alunos aprenderam a digitar seus dados pessoais, criar senhas, acessar sites, utilizar o Google para pesquisas e na sequência, a elaborar seus próprios currículos. Muitos relataram, com entusiasmo, que conseguiram imprimir os currículos e que iriam entregar em empresas ou ainda anexar em perfis online de busca de empregos.

Outro aspecto considerado positivo foi o fortalecimento da autoestima dos alunos e o despertar para novos horizontes, como a fala sobre a vontade de continuidade nos estudos e o acesso à educação superior, especialmente após compreenderem as diferenças entre os cursos técnicos, bacharelado e licenciatura, passaram a visualizar e almejar possibilidades antes impensadas. Como por exemplo, uma das alunas que relatou querer voltar a sonhar com a realização de seu curso de enfermagem, após aprender sobre o funcionamento e o acesso aos tipos de formação existentes.

Compreendemos que a escuta sensível e o acolhimento inicial e durante o percurso do processo de aplicação do projeto foram fundamentais para que os adolescentes que apresentavam dificuldades de aceitação se sentissem pertencentes.

Em relação aos alunos surdos, que contavam com o apoio dos intérpretes, também demonstraram muita interação e comprometimento. Eles utilizaram também aplicativos e softwares com legendas e imagens que os ajudavam na participação ativa nas atividades, reafirmando o compromisso com a inclusão.





Inspirados portanto, a partir de estudos Freirianos, durante nossa graduação, já que ele nos leva a pensar sobre o aspecto da educação dos jovens e adultos, buscamos transformar a vivência dessas pessoas por meio do nosso projeto sobre letramento digital sempre levando a pensarem autônoma e criticamente.

Freire (1967) já nos alertava às profundas raízes existentes de desigualdade educacionais no Brasil, lembrando que, no período colonial havia uma população submissa à uma lógica de poder, onde “[...] o homem não obtinha espaço e experiência para fazer parte da organização da “vida comum” (FREIRE, 1967, p. 74) e é perceptível que essa exclusão nos campos político e educacional se perpetuam até os dias atuais em especial nas trajetórias dos estudantes do EJA, que após enfrentar uma rotina exaustiva de trabalho durante o dia ainda se esforçam para estarem presente nas salas de aula no período da noite. Muitos chegam cansados, atrasados, uma vez que necessitam usar o transporte público, ao mesmo tempo que lidam com as fragilidades de suas vidas emocionais e familiares.

Nos encontros formativos percebemos que a maior barreira que eles enfrentavam não era a falta de conhecimento científico e técnico, mas o sentimento de pertencimento daquele espaço que também cabiam a eles. Muitos se viam como “espectdores” da própria vida, como denuncia Freire (1967) ao afirmar que o homem simples está “[...] convertido em expectador dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais e poderosas criam para ele” (FREIRE, 1967, p. 44).

Assim, quando proporcionamos o acesso ao uso dos computadores para a construção de seus currículos, acesso à cursos com certificação, etc, promoveu-se também a redescoberta de escolha e autoria de cada sujeito presente. Uma prática que liberta, levando à reflexão de suas ações, e estimulando a pensarem sobre seus projetos de vida. Um projeto movido pelo amor ao fazer pedagógico e o desejo de colaborar com o trilhar de novos caminho.

Essa experiência nos foi possível compreender a fala de Freire quando defende que o ato de educar é ato de amor e por isso é um ato de coragem, e com essa coragem que abraçamos nossos alunos com compromisso e acolhimento, repetindo suas diversas vulnerabilidades e colaborando para superá-las, e passamos a pensar no letramento digital não apenas como uma competência técnica, do fazer, mas uma possibilidade de construção de dignidade e cidadania.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada na Escola Tavares Bastos demonstrou que a inserção da cultura digital no contexto do EJA pode ser um caminho real para transformação social, sobretudo quando aliada ao afeto, à escuta e ao respeito às trajetórias individuais dos alunos. Ao desenvolverem habilidades básicas no uso do computador, acessarem conteúdos formativos online e compreenderem melhor o mundo do trabalho e da educação superior, os estudantes passaram a visualizar a escola como um local de possibilidades.

Portanto, compreendemos que os resultados alcançados reforçam a importância de investir em práticas pedagógicas contextualizadas, tecnológicas e sensíveis às realidades dos educandos. A heterogeneidade da turma, longe de ser um obstáculo, revelou-se uma riqueza que favoreceu o diálogo, a troca de experiências e a construção coletiva.

A proposta também aponta para a necessidade urgente de políticas públicas que garantam infraestrutura adequada, formação docente continuada e condições de permanência dos estudantes na EJA. Como desdobramento, sugerimos a continuidade e ampliação de pesquisas que estejam articuladas com a BNCC Digital e a prática nas escolas públicas, municipais ou estaduais, considerando os múltiplos desafios e potencialidades da EJA.

É imprescindível que se reconheça que a esperança e o conhecimento ao estarem unidos podem transformar futuros.





REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

COSCARELLI, Carla Viana. **Tecnologias para aprender**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016

DEWEY, J. **Thinking the reflective experience**. In: POLLARD, A. Readings for reflective teaching. New York: Continuum, 2002. p. 4-5.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz

FONFOCA, Eduardo; CAMAS, Nuria Pons (Orgs). **Dos letramentos aos multiletramentos**: percursos históricos e práticas escolares na cultura digital. Rio de Janeiro, BG Business Graphics Editora, 2021, 162 p. Disponível em:
<https://unilogos.edu.eu/wp-content/uploads/2021/07/DOS-LETRAMENTOS-AOS-MULTILETRAMENTOS.pdf>

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. Letramento: Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

